

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

13

東方學研究所  
東方學研究所

Poderá questionar-se a falta, nesta listagem, de divindades como Renenutet, Opet, Heket, Anuket (Anukis), e o leitor mais ávido de saber procurará, em vão, deuses como Anhur (Onuris), Herichef e Anti, entre outros, até porque se apresentam alguns deuses secundários como Hurun ou Satis. Talvez tenha faltado uma introdução sobre a mitologia antes de se entrar na apresentação dos deuses, dado que assim se ligava de forma mais expressiva ao título da obra.

**Luís Manuel de Araújo**

AUDE GROS DE BELER, *Maravilhas do Egípto*, Lisboa, Centralivros — Gama Editora, 2001, 126 pp., ISBN 972-791-029-7

Propõe-se este volume, ricamente ilustrado, apresentar as maravilhas do Egípto, consideradas aqui como sendo os grandes monumentos que a civilização egípcia nos legou. Por isso as imagens que enchem as suas páginas reproduzem templos e túmulos e ainda estatuária e diversos materiais fotografados no Museu Egípcio do Cairo e no British Museum de Londres.

Abre com a Cronologia (pp. 10-11), segue-se Cosmogonias, onde se apresentam a grande Enéade de Heliópolis e a Ogdóade de Hermópolis (p. 12), e uma breve lista dos deuses egípcios (p. 12). Vem depois o nascimento do Egípto (pp. 14-21), o Império Antigo (pp. 22-33), com os construtores de pirâmides e os faraós como filhos de Ré. O Primeiro Período Intermediário (pp. 34-41) fecha o capítulo.

Segue-se o Império Médio (pp. 42-53), sendo recordados os seus inícios com a acção reunificadora de Mentuhotep II, que antecede o apogeu com a XII dinastia até ao colapso desta, que dá lugar ao Segundo Período Intermediário (pp. 54-55) marcado pela pulverização do poder e pelo domínio dos Hicsos.

Depois é a glória do Império Novo: a conquista (pp. 56-85), onde são evocadas algumas figuras dessa época, como Amósis, o libertador (Ahmés), Amenófis I (Amen-hotep I), Tutmósis I, o conquistador (Tutmés I), a rainha Hatchepsut, o ilustre Tutmósis III, Amenófis II, o implacável, o pacífico Tutmósis IV e Amenófis III, o diplomata. Segue-se o interlúdio amarniano (pp. 86-97), que tem como protagonistas principais Akhenaton e Nefertiti, Tutankhamon, Ai e Horemheb, passando-se depois para os Ramsés e a Época Baixa (pp. 98-123), quando afinal, e seguindo o esquema da divisão por grandes épocas históricas, se deveria ter reservado um capítulo próprio para a Época

Baixa e, já agora, um outro para a Época Greco-Romana, em vez de amalgamar tudo no mesmo capítulo. A obra fecha com um Léxico (p. 124) e a Bibliografia (p. 12).

São de lamentar algumas anomalias, como a falta de acento em Sebekneferuré (p. 10), Ogdóade (pp. 12 e 18), Mnévis (p. 13), Menés (p. 17 e outras), Tânis (p. 50), Kamés (p. 55), Ahmés (pp. 58-59), que está a mais em Sais (p. 11 e outras). Escusadas caixas altas aparecem nos cargos de sumo sacerdote (p. 17 e outras), na sala do sarcófago (p. 18), e as estações do ano deviam estar em caixa alta (Akhet, Peret e Chemu) e não em caixa baixa como aqui aparecem, além de que é desnecessário colocar estes nomes entre aspas (p. 14). Estão também a mais, na mesma página, as aspas que envolvem os nomes de Kemet (o Egipto) e Decheret (o deserto), que ficou à inglesa como Desheret. A mesma anomalia vê-se mais à frente em «maet» desnecessariamente aspada quando devia estar em itálico e sem aspas, tal como os conceitos de *ka*, *ba*, *akh*, entre outros. Uma ilustração das pp. 36-37 mostra um fragmento de um papiro de Ani com o capítulo 186 do «Livro dos Mortos». A legenda diz que os capítulos dessa compilação religiosa são cerca de 165, mas eles são cerca de duzentos. O «vaso canópico» que aparece na p. 94 ficaria melhor como vaso de vísceras, uma designação que é mais clara e objectiva para referenciar esses típicos e indispensáveis contentores.

Foi uma boa ajuda para o leitor ter-se optado na lista com os nomes reais (pp. 10-11) por indicar a forma egípcia a seguir à forma grega (Quéops: Khufu, Quéfren: Khafré, Miquerinos: Menkauré; Amenófis: Amen-hotep, ou Tutmósis: Tutmés), mas o mesmo critério já não foi seguido para Sesostri (Senuseret) e Bocchoris (Bakenrenef). Nessa lista detectam-se algumas anomalias em vários nomes reais: Chepsekaf vem à moda inglesa como Shepsekaf, e o mesmo se passa com Chepsekare e Charek; deve ser Mentuhotep, e não Montuhotep, Amenmesés e não Amenmés, Setnakht e não Setnakhet (compare-se com o correcto Tefnakht), Tauseret e não Tuosré, Taharka e não Taharqa, Amirteu e não Amyrté à francesa. Entretanto, uma arreliadora gralha maculou o nome de Sesóstris (forma grega do egípcio Senuseret), que ali aparece como Sesótris. Por outro lado será de recomendar o uso de hífen no nome de Sebek-hotep (p. 10) para desfazer o dígrafo gutural *kh*, que assim lhe dá uma leitura errada, e será preferível o nome de Pié (faraó de origem núbica da XXV dinastia) em vez da antiga forma de Piankhi.

Comparando este volume, bem traduzido por Teresa Cúvelo, com os seus dois congéneres antes recenseados nota-se algo que

deslustra o conjunto: eles apresentam lombadas diferentes, sem a imprescindível normalização gráfica que se impunha para harmonizar melhor os três livros.

### ***Luís Manuel de Araújo***

DANIEL SOULIÉ, *Villes et citadins au temps des pharaons*, Paris, Éd. Perrin, 2002, 286 pp., ISBN 2-262-01768-9

A obra começa com um prefácio (pp. 7-9) de Guillemette Andreu, egiptóloga e conservadora no Departamento de Antiguidades Egípcias do Museu do Louvre, seguindo-se a Introdução (pp. 11-14), onde é justificada a apresentação da temática, escassamente tratada na espessa obra de Jacques Vandier, *Manuel d'archéologie égyptienne* (Paris, 1955). Com a publicação deste volume pretende o seu autor colocar à disposição de um vasto público um assunto que só tem merecido o interesse de alguns egiptólogos dada a escassez de elementos arqueológicos.

O capítulo 1 apresenta «Un rendez-vous manqué avec les archéologues» (pp. 15-44), começando por evocar o tempo dos aventureiros, de autêntica caça aos tesouros do Egito que a pouco e pouco foram chegando à Europa, até à intervenção de arqueólogos e egiptólogos no terreno, abordando depois as ruínas vistas como uma riqueza económica (que levaram à exploração sistemática das ruínas em busca de *sebakh* para a agricultura) e apreciando a utilização da pedra e do tijolo como elementos fundamentais da arte de construir dos antigos Egípcios.

«Les Égyptiens racontent» é o tema do capítulo 2 (pp. 45-65), mostrando como os templos e os túmulos nos fornecem elementos para o conhecimento da civilização egípcia e do seu gosto por tudo registar, que se patenteia na existência de listas, contas e correio particular encontrado nas ruínas do passado. Vista assim a questão poderá falar-se de uma arquitectura ilustrada, continuando ainda hoje certo tipo de construções a fazer-se à moda antiga, o que demonstra a sobrevivência das tradições.

O capítulo 3 versa sobre «L'idéal urbain des pharaons» (pp. 66-98) que engendrou um «urbanismo pensado», onde existiam cidades de alta segurança, com os seus bairros, as suas ruas e ruelas, sendo de notar que as cidades não tinham praça pública ou espaços destinados ao mercado urbano: é que a sociedade da época faraónica ignorava o comércio no sentido contemporâneo do termo.